

CRAVÍCULA E CARCANHÁ: a incidência do rotacismo no falar maranhense

Gizelly Fernandes MAIA DOS REIS

Introdução

A língua, por sua natureza dinâmica, está em constante mudança, e esse processo, evidenciador do caráter heterogêneo das línguas, é o resultado de outro longo processo que o antecede – o da variação linguística. A variação e a possível mudança, como sabemos, podem ocorrer em qualquer nível de análise da língua: fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, discursivo.

Neste artigo, nos ocuparemos de um dos principais mecanismos de que dispõem as línguas naturais para operarem a mudança – a possibilidade de mudança de som. Em nosso caso, trata-se de uma variação linguisticamente não distintiva¹ entre os segmentos /l/ e /r/, ou seja, a permuta do primeiro pelo segundo não implica diferença de significado, mas implica, no português moderno, diferenças sociais que levam à estigmatização dos falantes.

O rotacismo, um dos vários metaplasmos do português, consiste no uso variável das consoantes líquidas /l/ e /r/. O fenômeno foi estudado com base na realização dos vocábulos *clavícula* e *calcanhar*, em quatro municípios maranhenses, sendo considerados fatores sociais – escolaridade, idade, sexo e localidade – e um fator linguístico – a posição da consoante líquida lateral /l/ na sílaba, em coda silábica e em ataque complexo.

Muito embora tenhamos registros do rotacismo na língua portuguesa, na modalidade escrita, há ainda uma escassez de trabalhos elaborados com base em dados autênticos da língua oral, razão porque há uma grande necessidade de estudá-lo, para que se possa melhor descrever a realidade linguística brasileira, e, em particular, a maranhense.

Nessa perspectiva se insere nosso trabalho, com o objetivo de contribuir para o conhecimento da realidade linguística do Maranhão e do Brasil e, também, de aprofundar o

¹ Para uma maior compreensão da variação linguisticamente não distintiva, ver Gabas Jr. (2001).

conhecimento acerca dos falares maranhenses para que possamos identificar variáveis existentes e compreender os fatores que colaboram no que tange a essas variações.

Procedimentos Metodológicos

Os dados que compõem a amostra analisada fazem parte do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) e foram coletados nos municípios de São Luís, Bacabal, Brejo e Pinheiro. A escolha dos municípios levou em consideração o fato dos dados sonoros já estarem gravados e transcritos e, além disso, por pretendermos trabalhar com um município de cada uma das mesorregiões já investigadas pelo ALiMA: Norte, Centro e Leste.

Considerando que o *corpus* utilizado faz parte do banco de dados do Projeto ALiMA, a seleção dos informantes observou os seguintes critérios:

- variação diageracional – duas faixas etárias: faixa I – 18 a 30 e faixa II – 50 a 65;
- variação diassexual ou diagenérica – informantes distribuídos igualmente pelos dois sexos;
- escolaridade – informantes que tenham cursado, no máximo até a quarta série do ensino fundamental.

As entrevistas foram gravadas e copiadas em CDs. Os dados foram transcritos grafemática e foneticamente. Entretanto, em nosso trabalho, utilizaremos apenas a transcrição grafemática.

Dos fatores linguísticos relevantes para o estudo do rotacismo, levamos em conta neste trabalho a posição da consoante líquida lateral /l/ na sílaba, em coda silábica e em ataque complexo. Dos fatores sociais, levamos em conta o sexo, a idade e a escolaridade.

Rotacismo: algumas considerações

Segundo Camara Jr. (*apud* Costa, 2006, p. 12), “[...] denominamos rotacismo a realização de um rótico onde esperaríamos uma lateral, ou seja, a troca de uma líquida lateral por uma líquida vibrante [...]”.

Clements (*apud* COSTA, 2006, p. 17), em algumas propostas de composição silábica por sonoridade afirma que:

[...] as líquidas aparecem como uma classe intermediária entre as vogais, segmentos com maior valor de sonância, e as obstruintes, segmentos com menor valor de sonância. Podem, portanto, por seus valores em termos de sonoridade, ocuparem tanto lugar em ataque como em coda silábica.

No entanto, dentro dos processos fonológicos, observamos que a lateral e a vibrante são os únicos segmentos que ocupam a posição de segundo elemento em ataque complexo.

De acordo com Marroquim (1996, p.29), “A passagem de /l/ a /r/ começou, com efeito, na formação do português: *platu(m)* > prato; *nobile (m)* > nobre; *blandu(m)* > brando; *regula(m)* > regra; *clavum* > cravo [...]”. Vale ressaltar que no português brasileiro o rotacismo não é um fenômeno novo, ele possui caráter persistente em diversas regiões do Brasil. Esta afirmação se sustenta nas evidências apresentadas em gramáticas históricas como na *Gramática histórica da língua portuguesa* de Ali (1966), em textos do português antigo (como n’*A Carta de Pero Vaz de Caminha*), e nos exemplos acima citados por Marroquim.

Contudo, são poucos os trabalhos elaborados com base em dados autênticos da fala. Sendo assim, é de suma importância o exame do português falado no momento presente para o entendimento de um fenômeno que anteriormente fazia parte do português-padrão, pois era falado pela elite sócio-cultural, e agora faz parte do português não-padrão, pois é usado pelos falantes considerados desprestigiados e, com isso, adquire caráter de um fenômeno estigmatizado. De fato, está condicionado por fatores de natureza linguística como a posição da consoante líquida lateral /l/ na sílaba, em coda silábica e em ataque complexo, o contexto precedente, a sonoridade do contexto precedente, e de natureza social, tais como sexo, faixa etária e escolaridade.

O que nos mostram os dados

Para melhor visualização, a amostra será apresentada por meio de dois quadros. Por questões éticas, não colocaremos os nomes dos informantes; faremos apenas uma indicação do sexo utilizando as letras F (feminino) e M (masculino). Em seguida, informaremos a localidade, a faixa etária (I ou II) e as ocorrências do rotacismo. Nos quadros serão registradas apenas as variações fonético-fonológicas. As variações lexicais serão apenas indicadas, com a letra X. A ausência de resposta será indicada por *s/r*.

QUADRO I

LOCALIDADES	FAIXA ETÁRIA	
	I	II
São Luís	F – <i>s/r</i>	F – Cravícula
	M – <i>s/r</i>	M – Cravícula
Bacabal	F – <i>s/r</i>	F – Cavica
	M – Cavícula	M – Cravícula
Brejo	F – X	F – Clavícula
	M – Cravícula	M – X
Pinheiro	F – X	F – Cravícula
	M – X	M – Clavica

Quadro I- Realizações de *clavícula* nas quatro localidades investigadas.

É frequente a permuta do fonema [l] lateral alveolar vozeado – pelo [r] – tepe alveolar vozeado – quando temos o encontro consonantal com o fonema [k] – oclusiva velar desvozeado.

Ao tratar da variação no contexto de ataque complexo, Amaral (1976), com *O dialeto caipira*, descreve o dialeto do interior paulista e aponta o rotacismo também em grupo consonantal e define a segunda consoante do ataque complexo como “[...] subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em r: *cravo*, *cumpreto*, *cramô*, *frô*”. Esta definição é acompanhada de uma nota valorativa sobre a abrangência do fenômeno: “Esta troca é um dos vícios de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação; ou posição social, menos em contacto com o povo rude” (AMARAL, 1976, p. 52).

Antenor Nascentes (1953) também faz uma importante consideração em seu livro *O linguajar carioca*, no tópico “*Consoante seguida de l muda em r*”. Para ele, dentro dos grupos consonânticos, “tal como na passagem do latim para o português. Cfr, lat. *blandu* – *brando*, *clavicula* – *cravelha* [...] A consoante mais vizinha da vibrante *l* é a vibrante *r*” (NASCENTES, 1953, p. 53). Além disso, Nascentes alude à influência do tupi: “O tupi não tinha o som *lê*, mas possuía o *rê* (*r* *brando*). Era natural que se trocasse o *lê* pelo *rê*” (NASCENTES, 1953, p. 53).

Para as ocorrências de *cavícula* ou *cavicia*, podemos dizer que, em alguns casos de ataque complexo, “[...] o *r* tende a desaparecer em sílaba átona: *compadrecumpade*, *comadre- cumade* [...]” (NASCENTES, 1953, p. 55).

Quadro II

LOCALIDADES	FAIXA ETÁRIA	
	I	II
São Luís	F – Calcanhá	F – <i>s/r</i>
	M – <i>s/r</i>	M – Calcanhá
Bacabal	F – Carcanhá	F – Calcanhá
	M – Calcanhá	M – Calcanhá
Brejo	F – Calcanhá	F – Carcanhá
	M – Cacãia	M – Carcanhá
Pinheiro	F – Carcanhá	F – Calcanhá
	M – Calcanhá	M – Carcanhá

Quadro II - Realizações de *calcanhar* nas quatro localidades investigadas

Sobre o vocábulo *calcanhar* observamos que o ponto de articulação de [r] - fricativa velar desvozeada - e [k] - oclusiva velar desvozeada - possui aspectos em comum, influenciando na escolha da variante /r/ no lugar da variante /l/. Neste trabalho, considerando o fator escolaridade, confirmamos o que já havia observado Nascentes (1953), com relação à língua falada no Rio de Janeiro na década de 50 do século passado: em coda silábica, a variante /l/ na classe menos escolarizada passa a r.

Marroquim (1996) nos explica que, nesse contexto, a permuta ocorre por uma questão de comodidade fonético-fonológica: “É mais razoável que haja incapacidade do

aparelho de fonação: menor esforço, isso sim. Nos grupos silábicos em que o / fica solto, a sua pronúncia requer uma ginástica da língua, de real dificuldade ainda entre gente culta” (MARROQUIM, 1996, p. 30).

Feitas as considerações com relação aos fatores linguísticos, enfocaremos agora os fatores extralinguísticos, tendo em vista o que afirma Labov:

[...] a mudança linguística, advinda da variabilidade inerente a qualquer sistema linguístico, pode ser diretamente observada. Isto pode ser conseguido através de amostras da fala de uma comunidade, na qual se analisam as pressões estruturais e sociais que atuam no uso de determinada variável naquela comunidade. É aceito que a língua é afetada por fatores sociais, como, por exemplo, a etnia, a escolaridade e a faixa etária, porque a mudança linguística não ocorre no vácuo social [...] (LABOV *apud* COSTA, 2006, p. 77).

Os fatores extralinguísticos considerados foram:

- Sexo – segundo Mollica (1998), o sexo feminino utiliza com mais frequência a forma de prestígio, por ser mais conservador e sensível às instruções da escola. No entanto, esta variável é complexa. Em nosso trabalho, ao cruzarmos a variável social sexo com a variável faixa etária, constatamos que homens e mulheres apresentaram o mesmo número de ocorrência do fenômeno. Entretanto, notamos que os homens apresentaram maior número de realização do rotacismo em ataque complexo, e as mulheres em coda silábica;

- Faixa etária – notamos que pelo menos um dos informantes da faixa etária I dos municípios de Bacabal, Brejo e Pinheiro realizaram o rotacismo; somente na Aglomeração Urbana de São Luís isso não ocorre, o que nos leva a crer que a localidade é mais relevante para a ocorrência do rotacismo do que a faixa etária em si. Vale ressaltar que nas capitais, como é o caso de São Luís, o rotacismo é um fenômeno bastante estigmatizado, sendo interpretado como uma realização de falantes oriundos de estratos sociais inferiores, em termos culturais. Era já esse o ponto de vista que vigorava na década de 20 do século passado, quando Amaral enfocou em seus estudos o falar paulistano, conhecido como “o dialeto caipira”: o autor refere-se aos falantes, que realizam o rotacismo, como “povo rude”, uma vez que não seguiam os padrões da capital;

- Escolaridade – um dos fatores intervenientes nos “dialetos sociais inferiores”, segundo Camara Jr. (1976), parece ser a escolaridade. Nossos dados ratificam a relevância desse fator: mesmo sendo alfabetizados, os informantes, por possuírem baixo nível de escolaridade (no máximo até a quarta série do ensino fundamental), ainda realizam o rotacismo, o que implica dizer que a ação normativa da escola ainda é insuficiente para *reprimir* a ocorrência de um fenômeno tão estigmatizado socialmente.

Conclusão

Do total de informantes que compõem a amostra analisada – 16 (dezesesseis) –, 62 % (10/16) apresentaram a ocorrência do rotacismo em, pelo menos, uma das realizações. Nesse universo constatamos que o fator linguístico selecionado para análise – a posição do segmento líquido na sílaba – foi relevante tanto em coda silábica (com cinco ocorrências) quanto em ataque complexo (com cinco ocorrências). Com relação aos aspectos sociais, os dados apontam a escolaridade e a localidade como fatores relevantes.

Acreditamos que nossa pesquisa, embora restrita a apenas quatro municípios do Maranhão, apresenta uma contribuição efetiva para o conhecimento do português falado no Estado. Temos, contudo, clareza de que é preciso ampliar mais nossa amostra, estendendo a pesquisa a outros municípios.

Referências

- ALI, M. Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- CAMARA JR., Joaquim M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- COSTA, Luciane Trennephol da. **Estudo do rotacismo**: variação entre as consoantes líquidas. Porto Alegre, 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós - Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GABAS JR., Nilson. Linguística histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 77-103.

GIORDANI, Mariana Noberto Palma. O rotacismo em final de sílaba. **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, p. 129 -134, 1997.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. Curitiba: HD Livros, 1996.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.